

O EQUÍVOCO DE SCHOPENHAUER SEGUNDO AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE À MORAL¹

The Schopenhauer's misconception according Nietzsche's criticism to the moral

Daniel Huppel²

daniel.huppel@hotmail.com

Resumo: O presente artigo intenta elucidar as principais considerações das críticas de Nietzsche no que diz respeito à moral. A moral da compaixão de Schopenhauer é alvo de duras críticas nietzschianas ao estipular que as ações dotadas de valor moral são somente aquelas que levam em consideração o outro. Nietzsche considera que Schopenhauer não foi capaz de compreender o que realmente se passa com o âmbito da moral, dado que ele postula que todas as ações humanas são decorrentes de algum interesse particular. Dessa maneira, as verdadeiras motivações das ações humanas são essencialmente egoístas.

Palavras-chave: ética; compaixão; egoísmo; perspectivismo moral; espírito livre.

Abstract: this article attempts to elucidate the main considerations of the Nietzsche's criticisms with regard to the morality. The Schopenhauer's moral of the compassion is heavily criticized by Nietzsche because it condition that only the actions that take into consideration the other are endowed with moral value. Nietzsche believes that Schopenhauer was not able to understand what is really happening with the scope of morality, since he postulates that all human actions are the result of some particular interest. Thus, the true motives of human actions are essentially selfish.

Keywords: ethics; compassion; selfishness; moral perspectivism; free spirit.

A partir do momento em que o gênero humano passou a ser capaz de se agrupar em pequenos grupos, atingindo formas mais complexas com o passar do tempo, passou-se a se atentar às concepções morais. Isto passou a integrar grande parte do empenho dos homens para que fosse possível agir moralmente bem. A proposta deste artigo é analisar as concepções morais de Schopenhauer e Nietzsche em virtude do gritante contraste entre esses dois filósofos. De grande mestre, Schopenhauer passa a ser alvo de duras críticas da filosofia nietzschiana. O que decorre do pensamento schopenhaueriano é a ética da compaixão: apesar do egoísmo intrínseco aos homens, as ações consideradas como dotadas de valor moral são unicamente aquelas que levam em consideração os demais indivíduos. Schopenhauer considera que a compaixão é algo naturalmente bom.

Em contrapartida a isto, Nietzsche considera que todas as ações humanas ocorrem por alguma forma de egoísmo. Acreditar que as ações por compaixão são possíveis é ficar limitado às aparências, pois a verdadeira motivação de uma ação decorre de interesses particulares. Decorre do pensamento nietzschiano que não há uma única moral como sendo a única que é válida; há diversas morais distintas. Isto ressalta o fato de que as concepções morais são frutos de seu momento histórico: não passam de

¹ Artigo elaborado para a disciplina “Genealogia e Crítica da Moral” do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

² Discente do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

um perspectivismo moral. Mas os filósofos que tentaram investigar a moral não foram capazes de perceber isto. É somente com uma investigação genealógica da moral e um filosofar histórico de Nietzsche que é possível trazer à tona a história natural da moral.

As ações dotadas de valor moral

Schopenhauer faz severas críticas ao modo com que Kant fundamenta o âmbito da moral, atentando essencialmente para o fato de que a filosofia kantiana não se volta ao que é empírico³. Kant, de acordo com Schopenhauer, não teria compreendido a verdadeira concepção de “lei” porque ele sempre se ateve ao “dever ser”; em suma, a crítica schopenhaueriana se dirige à forma imperativa do pensamento kantiano. Partindo-se da premissa de que as leis são convencionais, não haveria uma lei moral pura, o que significa que o dever moral não motiva ninguém a agir de determinada maneira. Schopenhauer considera que o filósofo moral deve se contentar com o que é ao invés de estipular considerações a respeito do dever-ser. O contraste entre Schopenhauer e Kant está na consideração do mundo empírico: enquanto que para o primeiro a experiência é fundamental para obter concepções morais, o segundo não atribui nenhum valor à *empeiria*⁴.

Dessa maneira, Schopenhauer intenta elaborar a lei da motivação moral das ações humanas; isto é, qual seria a lei necessária da vontade do gênero humano? Para isso torna-se relevante destacar a consideração do pensamento schopenhaueriano no que diz respeito ao egoísmo, o qual é considerado como inerente aos homens⁵. Assim sendo, de que maneira ele poderia resolver tal embate, considerando que as ações egoístas não possuem nenhum valor moral, mas, ao mesmo tempo, pertencem intrinsecamente à condição dos homens? Em *Sobre o fundamento da moral*, Schopenhauer afirma que “o *egoísmo* é a primeira e a mais importante potência, embora não seja a única, que a *motivação moral* tem de combater (SCHOPENHAUER, 2001, p.124). Para descrever como se engendra a ação moral, ele seguirá um caminho empírico que tenta demonstrar

³ Conforme ressalta Araldi, Schopenhauer entende que “a motivação moral é real, fáctica, empírica, e não proveniente de uma lei (da razão pura prática, resultado de um processo de pensamento abstrato, de uma faculdade especial)” (ARALDI, 2008, p.43).

⁴ Pode-se perceber a crítica de Schopenhauer a Kant explicitamente em uma das passagens de *Sobre o fundamento da moral*: “Já se vê por aí que o motivo moral [...] tem de ser algo real, ao invés de uma sutileza aguda ou de uma bolha de sabão apriorística” (SCHOPENHAUER, 2001, p.124).

⁵ Além da natureza humana, o egoísmo faz parte da natureza animal. Tanto o homem como o animal tem em mente preservar sua própria vida, um agindo única e exclusivamente por instintos e outro através da razão. Por este motivo, é possível “chamar os animais de egoístas, mas não de interesseiros” (SCHOPENHAUER, 2001, p.121) pelo fato de eles não serem capazes de especificar meios específicos para atingir determinados fins.

através de exemplos mundanos de que maneira as ações podem ser realmente dotadas de valor moral.

Ora, mas qual seria a característica fundamental que emprega valor moral às ações? Schopenhauer estipula que o critério de uma ação dotada de valor moral é a ausência de toda e qualquer motivação egoísta⁶, o que significa que, para que uma ação seja dotada de verdadeiro valor moral, faz-se necessário excluir impreterivelmente qualquer interesse próprio, dado que qualquer motivação egoísta, por mais ínfima que possa ser, já elimina completamente o valor moral da ação⁷. Mas é realmente possível aos homens agir totalmente isentos de egoísmo? Schopenhauer considera isto não apenas possível, ele identifica muitos exemplos que corroboram para tal concepção, como é o caso das pessoas verdadeiramente honestas, as quais são totalmente desinteressadas, pois “alguns ajudam e dão, fazem e renunciam sem ter outro intuito em seu coração que o de ajudar a outrem cuja necessidade eles vêem” (SCHOPENHAUER, 2001, p.130). Em suma, pode-se afirmar que, para a ética schopenhaueriana, a verdadeira motivação moral fundamental é a compaixão. A compaixão é um sentimento natural, caracterizando-se como instintiva e espontânea. Esta concepção ética de Schopenhauer se volta para o sujeito passivo da ação e não àquele que age de modo ativo: o que imprime o selo de valor moral às ações é o cuidado daquele que age para com o outro envolvido na ação.

Essa compaixão estabelecida por Schopenhauer não quer significar mais do que a relação com os outros, isto é, com os demais indivíduos (é o altruísmo em contraste com o egoísmo). Quando houver uma ação, e para que esta tenha algum valor moral, deve-se considerar essencialmente o bem-estar do *outro*⁸, pois qualquer motivo distinto que não o bem-estar de outro indivíduo caracterizará a ação como uma ação egoísta. Ressalta-se, aqui, que o valor moral reside totalmente no *outro* e não em alguma característica específica que se poderia apontar naquele que engendra a ação.

Schopenhauer considera relevante o âmbito da experiência e, ao observar-se o mundo empírico, não é difícil perceber que toda ação é decorrente de um motivo. Um indivíduo age somente se houver um motivo suficiente⁹. Apesar do âmbito das ações

⁶ Cf. *Sobre o fundamento da moral*, p.131.

⁷ Isto é corroborado com a passagem em que Schopenhauer postula que, “por isso a descoberta de um motivo interessado, mesmo que fosse único, suprimiria totalmente o valor moral de uma ação” (SCHOPENHAUER, 2001, p.131).

⁸ Para uma melhor compreensão da filosofia moral de Schopenhauer, os termos “bem-estar” e “mal-estar” podem ser entendidos como sinônimos de “prazer” e “desprazer”, respectivamente.

⁹ Aqui, motivo pode ser compreendido como sinônimo de impulso.

humanas constituir-se de inúmeras maneiras distintas de agir, mudando conforme as circunstâncias que se fazem presentes, Schopenhauer estabelece que “há em suma apenas *três motivações fundamentais* das ações humanas, e só por meio do estímulo delas é que agem todos os outros motivos possíveis” (SCHOPENHAUER, 2001, p.137). As ações dos homens ocorreriam ou (i) por egoísmo, em que o agente almeja seu próprio bem, o qual é sem limites; ou (ii) por maldade, em que o agente quer o mal alheio, podendo resultar na mais extrema crueldade; ou (iii) por compaixão, em que aquele que age deseja o bem-estar alheio, culminando na nobreza moral e na generosidade¹⁰. Isto significa que todo o âmbito das ações humanas – uma infindável lista de maneiras distintas de agir – decorre unicamente em função de uma destas três motivações. Dado que a única maneira de agir que leva em consideração o bem-estar alheio é a compaixão, é somente esta que possuirá valor moral.

Outra característica importante que Schopenhauer estabelece é o antagonismo entre egoísmo e valor moral. Um é exatamente o contrário do outro e, dessa forma, a presença de um implica diretamente na eliminação de outro¹¹. Como se destacou anteriormente, para que ocorra uma ação faz-se necessário um motivo, o qual envolve ou o bem-estar ou o mal-estar de alguém. Se este bem-estar estiver vinculado com o próprio indivíduo que age, a ação caracterizar-se-á como *egoísta*¹²; caso contrário – o bem-estar de qualquer outro participante passivo da ação é o que motiva a ação –, a ação resultante é uma ação dotada de valor moral (caracterizada pela *compaixão*)¹³.

Compaixão: identificar-se com o outro

O processo aqui analisado não é sonhado ou apanhado no ar, mas algo bem real e de nenhum modo raro: é o fenômeno diário da *compaixão*, quer dizer, a *participação* totalmente imediata, independente de qualquer outra consideração, no *sofrimento* de um outro e, portanto, no impedimento ou supressão deste sofrimento, como sendo aquilo em que consiste todo o contentamento e todo bem-estar e felicidade. Esta compaixão sozinha é a base de toda a justiça *livre* e de toda a caridade *genuína*” (SCHOPENHAUER, 2001, p.136).

¹⁰ Cf. SCHOPENHAUER, 2001, p.137.

¹¹ “Se uma ação tiver um fim egoísta como um motivo, então ela não pode ter nenhum valor moral. Deva uma ação ter valor moral, então um fim egoísta não pode ser seu motivo imediato ou mediato, próximo ou longínquo” (SCHOPENHAUER, 2001, p.133).

¹² Em *Sobre o fundamento da moral* pode-se ressaltar a passagem em que Schopenhauer afirma: “ponha-se como razão última de uma ação o que se queira, resultará sempre que mesmo por algum desvio, no final das contas, [se] a única motivação é o próprio *bem-estar* e *mal-estar* do agente, [...] a ação é *egoísta* e, conseqüentemente, *sem valor moral*” (SCHOPENHAUER, 2001, p.134).

¹³ Cf. *Sobre o fundamento da moral*, p.133.

A passagem acima destaca bem o cuidado de Schopenhauer em recorrer ao mundo empírico para sistematizar sua filosofia moral – a qual não decorre de um mundo fictício, mas da observação de exemplos ordinários da compaixão. No entanto, tal observação empírica possui limites que dificultam a identificação de ações dotadas de valor moral porque somente os atos dos indivíduos são observáveis. Não há maneiras possíveis para ter certeza no que diz respeito aos impulsos que engendraram determinada ação, pois pode ocorrer de um indivíduo “mascarar” seus impulsos egoístas engendrando ações que expressam compaixão. Apesar disso, Schopenhauer ainda postula que há, sim, pessoas que agem por justiça em função da justiça mesma (conforme já destacado, são aquelas pessoas identificadas como verdadeiramente honestas).

Schopenhauer afirma que a diferença de indivíduo para indivíduo deve ser superada como condição de possibilidade da compaixão¹⁴. Isto quer dizer que, para que a compaixão possa ocorrer, o indivíduo deve se identificar com aquele que sofre; com isso, pode-se perceber uma “supressão da parede divisória que separa inteiramente um ser de outro ser, e se vê o não-eu tornar-se numa certa media o eu” (SCHOPENHAUER, 2001, p.136). Esta identificação entre os indivíduos no que diz respeito ao sofrimento de um deles traz à tona outra característica do pensamento schopenhaueriano: “a dor, o sofrer, de que faz parte toda falta, carência e necessidade e mesmo todo desejo, é *positivo*” (SCHOPENHAUER, 2001, p.138). Identificar o sofrimento como algo positivo nada mais é do que dizer que o sofrimento é algo sentido imediatamente, isto é, o sofrimento é algo que se manifesta por si mesmo¹⁵. Por outro lado, Schopenhauer considera o prazer e a felicidade como negativo, pois não passam de “mera supressão da dor” (SCHOPENHAUER, 2001, p.139), isto é, o prazer e a felicidade são dois estados nos quais o homem simplesmente não sente dor, bem como nenhuma necessidade, constituindo-se como mera aquietação e supressão das dores¹⁶.

Assim sendo, é especificamente o sofrimento dos outros que faz com que os homens se comovam, sendo que o bem-estar alheio deixa-os simplesmente indiferentes

¹⁴ Cf. *Sobre o fundamento da moral*, p.136.

¹⁵ Schopenhauer faz uso de várias citações daquele que considera o maior de todos os moralistas de toda a época moderna: Rousseau, “o profundo conhecedor do coração humano que bebeu sua sabedoria não dos livros, mas da vida” (SCHOPENHAUER, 2001, p.184). Acerca do sofrimento alheio, ele cita uma passagem do livro IV do *Emílio*: “não é próprio do coração humano pôr-se no lugar de pessoas que são mais felizes que nós, mas somente daqueles que são mais dignos de pena” (idem, p.138)

¹⁶ Tal perspectiva expressa o cerne do pensamento pessimista de Schopenhauer.

uns com os outros¹⁷. Os homens, conforme sua constituição natural, são muito mais sensíveis ao sofrimento e à dor do que ao bem-estar e felicidade.

A questão toda diz respeito à fundamentação da moral que Schopenhauer acredita ser capaz de proporcionar. Para que a compaixão (única característica que é capaz de dotar as ações de valor moral) ocorra, faz-se necessário que haja uma identificação interpessoal humana, tal fato acarreta algumas dificuldades, pois

Como é de algum modo possível que o bem-estar ou o mal-estar *de um outro* mova imediatamente a minha vontade, isto é, como se fosse o meu próprio, tornando-se portanto diretamente o meu motivo, e isto até mesmo num tal grau, que eu menospreze por ele, mais ou menos, o meu bem-estar, do contrário, a única fonte dos meus motivos?” (SCHOPENHAUER, 2001, p.135)

Pode-se sintetizar tal consideração afirmando que o sofrimento do outro passa a ser o próprio sentimento daquele que age. Mas o problema sintetiza-se no fato de Schopenhauer não oferecer qual é o verdadeiro fundamento da compaixão; ao invés disso ele esquivava-se assinalando que o desenvolvimento da compaixão é um processo misterioso. O fenômeno da compaixão é facilmente identificado no cotidiano dos homens; entretanto, demonstrar qual o fundamento da compaixão já não se torna possível. O problema da investigação empírica concentra-se especificamente na sua limitação: não há como saber realmente quais as motivações para uma determinada ação, dado que não há como verificá-los. Pode-se muito bem “mascarar” as verdadeiras motivações particulares dos indivíduos. É por este motivo que Schopenhauer parte – ou ao menos tenta partir – para uma fundamentação metafísica¹⁸, não cumprindo sua promessa inicial de estipular um fundamento convincente à moralidade dos homens.

A crítica de Nietzsche à moral da compaixão

Esta moral da compaixão que Schopenhauer tenta defender é ferrenhamente criticada por Nietzsche a partir do momento em que ele passa a investigar genealogicamente o âmbito da moral. Esta investigação será de singular valor porque, a partir dela, é possível à Nietzsche libertar-se de seu momento histórico, alcançando uma

¹⁷ Cf. *Sobre o fundamento da moral*, p.138.

¹⁸ Schopenhauer postula que o processo de identificação entre aquele que age e aquele que é passivo da ação “é digno de espanto e até mesmo misterioso. É, na verdade, o grande mistério da ética, seu fenômeno originário e o marco além do qual só a especulação metafísica pode arriscar um passo” (SCHOPENHAUER, 2001, p.136). Mais adiante ele anuncia que busca investigar se as ações da justiça livre e da caridade genuína decorrem deste processo misterioso, afirmando que “então nosso problema será resolvido, pois teremos demonstrado o fundamento último da moralidade na própria natureza humana, fundamento este que não pode ser de novo um problema da ética, mas sim, como tudo o que existe como tal, da metafísica” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 37).

perspectiva mais geral para a análise da moral. É como se ele tivesse alçado vôo, indo além do mundo e conseguindo contemplar o todo da história natural da moral¹⁹. E ele faz isso por meio de uma análise psicológica e um filosofar histórico: põe em dúvida o próprio valor dos valores morais, “coloca sob suspeita a crença em toda a moral” (ARALDI, 2008, p.34). Por que motivo considera-se uma ação altruísta como intrinsecamente boa?

Diante das pretensões de Nietzsche, parece que a moral da compaixão de Schopenhauer é um tanto quanto ingênua ao estipular que, ao agir, deve-se ter em consideração somente o outro. Isto não faz sentido para o pensamento nietzschiano porque, de acordo com este, os homens sempre acabam agindo de uma maneira ou de outra em função de suas inclinações egoístas. Se analisado minuciosamente poder-se-ia perceber que sempre há interesses particulares “disfarçados” quando da ação dos homens. Em suma, Nietzsche considera que há um traço fundamental da vida e do mundo que pode ser percebido “em todos os modos de vida da pré-história e da história moral humana”²⁰: a vontade de poder. Tal vontade de poder caracteriza-se como o desejo intrínseco aos homens de dominar, conquistar, subjugar, explorar, etc. É a partir desta vontade de poder que Nietzsche passa a defender uma ética fundamentalmente egoísta.

Ao afirmar que a moral da compaixão de Schopenhauer era de certa forma ingênua, tinha-se em mente apontar que ele detinha a mesma característica comum a todos os demais filósofos que intentaram investigar a moral: não foram capazes de engendrar uma compreensão holística acerca do desenvolvimento da moral. Pode-se perceber o ataque de Nietzsche aos filósofos que se autodenominam de investigadores da moral no início do quinto capítulo de *Além do bem e do Mal*, no qual ele postula:

Precisamente porque os filósofos da moral conheciam os fatos morais apenas grosseiramente, num excerto arbitrário ou compêndio fortuito, como moralidade do seu ambiente, de sua classe, de sua Igreja, do espírito de sua época, de seu clima e seu lugar – precisamente porque eram mal informados e pouco curiosos a respeito de povos, tempos e eras, não chegavam a ter em

¹⁹ Em analogia, poder-se-ia representá-lo como a personificação daquela inteligência onisciente que aparece em sua obra *Humano, demasiado humano* para corroborar a ideia de que o livre arbítrio dos homens não passa de uma ilusão: “se num instante a roda do mundo parasse, e existisse uma inteligência onisciente, calculadora, a fim de aproveitar a pausa, ela poderia relatar o futuro de cada ser até as mais remotas eras vindouras, indicando cada trilha por onde essa roda passará” (NIETZSCHE, 2000, § 106).

²⁰ ARALDI, 2008, p.42.

vista os verdadeiros problemas da moral – os quais emergem somente na comparação de *muitas* morais (NIETZSCHE, 2005, § 186)²¹.

Tais filósofos que acreditavam ter compreendido o âmbito da moral acabaram considerando aquilo que possuía valor como algo que sempre teve o mesmo valor. É em função disto que se destaca a relevância do trabalho de Nietzsche porque ele foi capaz de “visualizar” o todo da história da moral: percebeu que aquilo que possui valor moral possui tal valor num determinado momento histórico. O erro dos filósofos comuns foi identificar tais valores morais históricos como algo natural²². Para Nietzsche não se pode falar em moral no singular. A moral é resultado de um longo processo de desenvolvimento que ocorreu ao longo de séculos e séculos de história e que nunca possuirá um fim estipulável, sendo resultado dos costumes daqueles que eram mais fortes e que estipularam determinada maneira de agir como a moralmente correta²³. O que se tem, então, ao olhar para o todo da história da moral são diversas morais distintas. O que é considerado moral num período histórico pode ser totalmente diferente se comparado com outro, pois “todo esse âmbito das concepções morais está continuamente oscilando” (NIETZSCHE, 2000, § 56).

As considerações de Schopenhauer no que diz respeito à moral da compaixão acarretam um sentimento prazeroso à espécie humana porque destaca o que de melhor há na alma dos homens. Aqueles que admiram o trabalho de Schopenhauer sentem uma espécie de prazer e contentamento quando características tão benevolentes são destacadas justamente porque estas, de certa maneira, ocultam o lado mais sombrio do gênero humano. Nietzsche não está preocupado em agradar os homens; antes, ele almeja demonstrar o que realmente se esconde no âmago de cada indivíduo, não poupando a humanidade da visão cruel da mesa de dissecação psicológica que, com suas pinças e bisturis, traz à tona o que não é perceptível aos olhos²⁴.

²¹ Logo de início, na Primeira Dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche já lança críticas aos historiadores da moral, postulando que “infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história! Todos eles pensam, como é velho costume entre filósofos, de maneira *essencialmente* a-histórica; quanto a isso não há dúvida” (NIETZSCHE, 1998, § 2).

²² Oliveira nos elucida a esse respeito ao postular acerca de um “modismo moral”: “A expressão ‘moda moral [*moralischen Mode*]’ evoca a temporalidade desse valor, com o fim de mencionar a sua pretensão em elevar-se como valor absoluto e definitivo: nem sempre foi assim e isso pode mudar – é o que se lê por trás dessa afirmação” (OLIVEIRA, 2010, p.13).

²³ Tal característica pode ser conferida em *Humano, demasiado humano*, no qual Nietzsche afirma que a “nossa moralidade atual cresceu no solo das tribos e castas *dominantes*” (NIETZSCHE, 2000, § 45).

²⁴ NIETZSCHE, 2000, § 37. No parágrafo anterior desta mesma obra ele ressalta que “uma fé cega na bondade da natureza humana, uma arraigada aversão à análise das ações humanas, uma espécie de pudor frente à nudez da alma podem realmente ser mais desejáveis para a felicidade geral de um homem do que

Ao investigar de maneira precisa todo o desenrolar da história da moral Nietzsche pôde perceber o quão superficial foi a observação psicológica efetivada até então²⁵. Isto porque a moral nunca foi colocada em dúvida pelos filósofos precedentes, os quais simplesmente aplicavam demasiada confiança naquilo que se acreditava como sendo moral. Sobre isto Nietzsche nos elucida apontando que

As conseqüências podem hoje ser vistas claramente, depois que muitos exemplos provaram que em geral os erros dos maiores filósofos têm seu ponto de origem numa falsa explicação de determinados atos e sentimentos humanos; que, com base numa análise errônea, por exemplo, das ações ditas altruístas, constrói-se uma ética falsa; que depois, em favor desta, recorre-se de novo à religião e à barafunda mitológica e que, por fim, as sombras desses turvos espíritos se projetam até mesmo na física e em toda a nossa consideração de mundo (NIETZSCHE, 2000, § 37).

Schopenhauer reiteradas vezes postula que “a compaixão inata em todo homem é o único fundamento para as ações não egoístas, as únicas ações com valor moral” (ARALDI, 2008, p.44). No entanto, considerar tal compaixão como uma característica natural do gênero humano é, de acordo com o pensamento de Nietzsche, um erro. Tal erro decorre justamente da “visão” parcial dos homens, os quais são impossibilitados de atingir uma compreensão holística plena. Conforme Nietzsche, Schopenhauer teria se equivocado gravemente ao postular que ações morais são somente aquelas que não ocorrem por egoísmo porque ele deteve-se somente às aparências. Era isto que se tinha em mente quando anteriormente fora mencionado algo acerca da ingenuidade de Schopenhauer. Os homens possuem a capacidade de disfarçar as suas verdadeiras intenções ao agir, ou seja, eles aparentam estar motivados pela compaixão quando, na verdade, nada mais buscam do que alguma satisfação particular. Esta constatação de Nietzsche é um balde de água fria para o gênero humano, sendo de difícil aceitação justamente porque expõe aquilo que de menos agradável há na espécie humana.

Oliveira destaca muito bem a destreza com que Nietzsche expõe as verdadeiras motivações morais do gênero humano em sua obra *Aurora* ao postular que

o atributo da penetração psicológica, vantajoso em casos particulares; e talvez a crença no bem, em homens e ações virtuosas, numa abundância de boa vontade impessoal no mundo, tenha tornado os homens melhores, na medida em que os tornou menos desconfiados” (NIETZSCHE, 2000, § 36).

²⁵ O homem possui a falsa crença de que ele pode alcançar a compreensão plena do mundo, o que não passa de ilusão. A respeito disto Nietzsche ressalta que “a brevidade da vida humana leva a muitas afirmações erradas sobre as características do homem” (NIETZSCHE, 2000, § 41), o que remete à ideia da visão limitada que os homens têm para com o mundo. Oliveira igualmente destaca que o homem possui uma opinião que é equivocada sobre si mesmo, pois aquilo que se revela à sua consciência e que é captado pela linguagem como realmente sendo o que o indivíduo é não passa de meras falsificações, fazendo com que o homem se conheça mal. Ele postula que o “Eu não passa de uma opinião errada sobre nós mesmos, mas que vem a formar aquilo que a moral da compaixão chama de caráter” (2010, p. 7).

No § 133 [de *Aurora*] Nietzsche mostra como a compaixão não é um “pensar no outro” de forma desinteressada, mas uma manifestação “*fortemente inconsciente*” que se ergue como apoio à nossa impotência ou covardia, evocada pelo outro que clama a nossa ajuda. Ou seja, qualquer ajuda a outrem não é realizada de forma desinteressada, mas por medo de que a nossa honra seja diminuída perante os demais ou porque o acidente do outro mostra a nossa vulnerabilidade. O ato de ajuda é um ato inconsciente de egoísmo, portanto, quase como um “sutil” ato de “legítima defesa” (OLIVEIRA, 2010, p. 13).

O que resulta disto tudo é o “desmascaramento” das ações humanas: todas elas, não importando de que maneira são efetivadas, sempre teriam motivações egoístas, visando o domínio dos demais e uma intensificação do sentimento de prazer individual (ARALDI, 2008, p.45)²⁶.

Além de Schopenhauer não ter percebido que as verdadeiras motivações para as ações humanas, sem exceções, são egoístas, ele não foi capaz de compreender que a moral possui uma história. Por isso que Nietzsche, ao abordar o âmbito da moral, postula que não se pode considerar que há uma única moral existente; ao invés disso, existem diversas morais distintas. Algo considerado moral para uma época pode não ser mais considerado assim e passar a ser imoral em outro momento histórico. Conforme nos elucida Araldi, “a história da moral busca explicitar as diferenças de valores e de avaliação (p. ex., do bom e do mal de cada povo, ou cultura), sem se deter em nenhum preconceito moral (como p. ex., a compaixão), nem às ideias modernas, como a democracia e o bem-estar da maioria” (ARALDI, 2008, p. 42). Desta maneira, considerar que a compaixão é moral hoje e sempre é um equívoco. Deve-se ter o cuidado de considerar que aquilo que é moral, é moral num determinado contexto histórico²⁷, por ser considerado útil para a preservação de determinada comunidade²⁸.

Pois bem, as ressalvas de Nietzsche ficam claramente expressas com a seguinte passagem de *Humano, demasiado humano*:

²⁶ Ainda não se comentou sobre a questão dos espíritos livres provenientes do pensamento nietzschiano, mas são eles os que, num futuro próximo, deverão legislar. Nietzsche não se autointitula como um espírito livre, mas ele já exterioriza a essência da verdadeira virtude deste: a honestidade (a qual aparece no aforismo 227 de *Além do bem e do mal*). Os espíritos livres solaparam os grilhões dos preconceitos morais e não estão mais submetidos a nenhuma concepção moral específica. Falsidade e mentira são traços dos escravos.

²⁷ Araldi postula que “o benevolente e o compassivo foram avaliados ‘bons’ porque eram úteis para a manutenção e fortalecimento da comunidade ou povo. Na mudança de hábitos e costumes, a compaixão pode ser algo ‘mau’, nocivo, prejudicial (p. ex., entre os gregos)”. (ARALDI, 2008, p.46)

²⁸ No aforismo 80 de *Humano, demasiado Humano* Nietzsche exemplifica a característica perspectivista da moral abordando o caso específico do suicídio: ele diz que o suicídio à época dos grandes da filosofia grega e os mais valentes patriotas romanos era algo louvável porque era resultado de uma ponderação em que a razão era vencedora. Tal fato suscitava respeito aos demais homens. No entanto, o suicídio nos dias de hoje não é de maneira alguma um ato louvável, não suscitando admiração nem respeito.

“Egoísta” e “altruísta” não é a oposição fundamental que levou os homens à diferenciação entre moral e imoral, bom e mau, mas sim estar ligado a uma tradição, uma lei, ou desligar-se dela (NIETZSCHE, 2000, § 96).

Esta passagem elucida bem o que Nietzsche compreende quando se anuncia que determinada ação ou indivíduo é moral ou imoral. O erro comum daqueles considerados espíritos inferiores foi considerar que o altruísmo é algo naturalmente moral, ou seja, que sempre foi e sempre será bom agir levando em consideração o outro. O esforço de Nietzsche é justamente demonstrar o equívoco deste pensamento. Para isto, ele postula que algo é considerado moral simplesmente se prestar obediência a uma lei ou tradição já estabelecida há muito tempo, pois

[...] “bom” é chamado aquele que, após longa hereditariedade e quase por natureza, pratica facilmente e de bom grado o que é moral, conforme seja. [...] Mau é ser “não moral” (imoral), praticar o mau costume, ofender a tradição, seja ela racional ou estúpida (NIETZSCHE, 2000, § 96).

Considerar algo como moralmente bom ou mau simplesmente pelo fato de respeitar a tradição pode acarretar sérios problemas, dado que simplesmente dar continuidade àquilo que já se tornou costume é mais fácil e não necessita de reflexão. É como se, ao indagarmos um indivíduo questionando por que ele agiu de determinado modo, ele respondesse afirmando que fez o que fez porque todo mundo faz, é algo habitual. Seguir a tradição é algo que proporciona prazer aos homens porque não se faz necessário refletir a todo o momento sobre como se deve agir. No entanto, o fato dos homens sentirem-se bem seguindo um costume não torna esse costume algo necessário²⁹. A falha reside em não questionar o porquê de agir de determinada maneira. E a situação torna-se ainda mais agravante porque, a cada nova geração, aquilo que é considerado como tradição torna-se ainda menos questionável, pois “o respeito que lhe é tributado aumenta a cada geração, a tradição se torna enfim sagrada, despertando temor e veneração” (NIETZSCHE, 2000, § 96). A partir disto poder-se-ia questionar acerca do real valor da moral, pois se um indivíduo é identificado como moral por ter seguido aquilo que é o costume, qual seria o sentido de afirmar que ele é moralmente responsável por suas ações?

A tentativa de superação das concepções morais

Sendo assim, tem-se um conflito entre as concepções morais de Schopenhauer e de Nietzsche. Enquanto que o primeiro considera ações morais somente aquelas que não

²⁹ NIETZSCHE, 2000, § 97.

possuem nenhum resquício de egoísmo, para o segundo toda ação possui alguma coisa de pretensões egoístas, chegando a afirmar que o homem até pode trabalhar para o próximo, mas somente se houver alguma vantagem individual envolvida³⁰. De mestre, Schopenhauer passa a ser alvo de fortes críticas nietzschianas. A ética da compaixão de Schopenhauer foi ingênua porque não conseguiu investigar a fundo o que diz respeito às ações humanas; acabou por esbarrar naquilo em que elas aparentavam ser: elas até expressam uma preocupação com o próximo, entretanto, as verdadeiras motivações são unicamente decorrente de interesses pessoais³¹. Nietzsche postula que “a sede de compaixão é uma sede de gozo de si mesmo, e isso à custa do próximo” (NIETZSCHE, 2000, § 50). De acordo com o pensamento nietzschiano, a compaixão é uma ferramenta que tanto os fracos como os fortes fazem uso. Em relação aos fracos e sofredores é um poder de despertar piedade nos outros que resulta em vantagens para estes; no que diz respeito aos fortes é uma maneira de exercitar sua força, bem como seu sentimento de superioridade, praticar a compaixão para com aqueles que sofrem³². Em suma, pode-se postular que não importa de que maneira os homens agem, eles sempre possuem motivações egoístas: seja para dominar os demais ou com o intuito de intensificar o sentimento de prazer particular.

Em virtude de a moralidade estar diretamente relacionada com determinados momentos históricos, a solução que Nietzsche postula é a libertação dos preconceitos morais históricos, o que se torna possível com os espíritos livres. Tais espíritos livres – homens superiores – estariam além-da-moral, o que significa afirmar que eles não estariam mais presos às considerações morais históricas³³. Tais homens do futuro não teriam nenhum preconceito moral e a transvaloração de todos os valores tornar-se-ia possível. Ao contrário dos espíritos livres, os homens inferiores não conseguem compreender que a moral não pode ser dogmática: investigando a história humana percebe-se que num longínquo período o valor moral de uma ação repousava sobre suas consequências; entretanto, vários séculos mais tarde houve uma inversão de perspectiva e o valor moral das ações passou a residir nas intenções³⁴. Mas, então, chega-se a um

³⁰ NIETZSCHE, 2000, § 95.

³¹ O parágrafo 148 de *Aurora* caracteriza bem o que decorre do pensamento de Nietzsche: “Se apenas forem morais, como se definiu, as ações que fazemos pelo próximo e somente pelo próximo, então não existem ações morais” (NIETZSCHE, 2004, § 148).

³² ARALDI, 2008, p.45.

³³ Araldi comenta que “se o maior perigo nos tempos modernos reside na compaixão pelo homem que sofre, a solução está em criar um tipo de homem afirmativo, digno de ser admirado e temido” (2008, p.46).

³⁴ NIETZSCHE, 2005, § 32.

período futuro no qual novamente deve-se decidir “quanto a uma inversão e um deslocamento básico dos valores, graças a um novo auto-escrutínio e aprofundamento do homem” (NIETZSCHE, 2005, § 32). E tal tarefa só é possível aos chamados espíritos livres. São justamente eles que almejam revelar ao mundo que as concepções morais não passam de perspectivas históricas.

Os homens superiores possuem a característica de serem amantes do conhecimento e da verdade. Foram eles que conseguiram se libertar dos preconceitos morais históricos e perceber que “tudo no âmbito da moral veio a ser, é mutável, oscilante, tudo está em fluxo” (NIETZSCHE, 2000, § 107). O erro dos homens inferiores – inclusive Schopenhauer – foi postular determinadas considerações morais como algo natural, sem atentar para o desenvolvimento da história dos sentimentos morais. Isto nos remete à consideração nietzschiana de que

Todos os nossos atos e juízos parecerão, em retrospectiva, tão limitados e precipitados como nos parecem hoje os atos e juízos de povos selvagens e atrasados (NIETZSCHE, 2000, § 107).

Conforme o pensamento de Nietzsche, o gênero humano ainda continuará com o hábito de julgar erroneamente as ações em morais ou imorais. Entretanto, ao finalizar o seu segundo capítulo de *Humano, demasiado humano*, ele postula que em milhares de anos vindouros o gênero humano, impulsionado pela aquisição de conhecimento ao longo de milhares de séculos, irá adquirir um novo hábito: não mais amar ou odiar as ações e, sim, compreendê-las. A partir do momento em que o homem se empenhar na busca de cada vez mais conhecimento acerca das coisas “ele terá se libertado de muitas concepções tormentosas, nada mais sentirá ao ouvir palavras como castigo do inferno, pecaminosidade, incapacidade para o bem: nelas reconhecerá apenas as sombras evanescentes de considerações erradas sobre o mundo e a vida” (NIETZSCHE, 2000, § 56). A sua compreensão do mundo se expandirá a tal ponto que ele será capaz de compreender que as verdades são somente perspectivas limitadas de um determinado momento histórico. Tudo isto contribuirá na transformação do gênero humano de moral para sábio.

Referências Bibliográficas:

ARALDI, Clademir Luís. “Nietzsche como crítico da moral”. In: **Dissertatio**, vol. 27-28, pp. 33-51, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. **Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. “A crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer em *Aurora*: o desprezo de si como artimanha de condenação do indivíduo”. In: **Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer**, vol. I, nº 2, pp. 04-22, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o Fundamento da Moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.